



Uma Coréia desnuclearizada? A barganha de Pyongyang

Ricardo dos Santos Poletto

As negociações hexapartites pareciam apontar para um horizonte irremediavelmente promissor quando os negociadores de Pyongyang concordaram com o plano de auxílio energético em troca de uma retomada - depois de quase quatro anos - da conformação ao regime de não-proliferação. Entretanto, os recentes casos de suspensão do debate para apresentação de novas exigências não dão espaço às análises mais otimistas.

A última paralisação teve como motivo o atraso na transferência de recursos congelados em 2005 por autoridades norte-americanas em Macau para investigações sobre lavagem de dinheiro. Os negociadores norte-coreanos se recusaram a sentar à mesa de negociações apesar das garantias dos americanos sobre a liberação da conta e da pronta transferência para um banco na China. É difícil diagnosticar se os propósitos da interrupção em estágio

avançado nas negociações são apenas evasivas ou demandas fundamentadas. O certo é que a Coréia do Norte atingiu alto grau de poder de barganha e tem se utilizado disso para dar o tom das negociações.

O dia 13 de fevereiro marca o ponto alto das discussões envolvendo Rússia, China, Estados Unidos, Japão, Coréia do Sul e Coréia do Norte. O fechamento do reator de Yongbyon em um prazo de sessenta dias teria como contrapartida o provimento de 50.000 toneladas de óleo-combustível. Uma vez declarado o fim do programa nuclear, a Coréia do Norte receberia como recompensa mais 900.000 toneladas. Programas de assistência ao país devem ser adicionados à pauta à medida que Pyongyang se dispuser a cooperar.

Nesse contexto de definição de um calendário resolutivo, cabe discutir os papéis envolvidos nas negociações de Beijing. Para entender o comportamento

dos atores, faz-se necessário ressaltar que estão tratando de uma das ameaças de segurança mais significativas desde o fim da Guerra Fria. O sucesso do teste nuclear coreano de 2006 teve impacto expressivo na agenda global e regional. Taiwan, Japão e Coreia do Sul foram obrigados a rever os números de seus orçamentos militares. Nem mesmo a aliada República Popular da China, tradicional protetora do vizinho comunista, ficou satisfeita com a presença de outro país com capacidade nuclear na região.

Christopher Hill, representante norte-americano e um dos pivôs do recente avanço das negociações, incorporou o sentido da mudança da estratégia na lida com os coreanos do outro lado da mesa. A longo prazo, norte-americanos acenam com a possibilidade de normalizar relações diplomáticas com o país até então alcunhado de partícipe do “eixo do mal”. Essa é uma possibilidade discutível, mas que representa o estreitamento de opções para os Estados Unidos com relação à questão.

Em um quadro mais amplo, é inevitável se fazer referência ao período recente de ameaça ao regime de não-proliferação, tão caro na condução da ação externa das grandes potências. Em alguma medida, a mesma teia das preocupações norte-americanas toca o Oriente Médio. A atenção dispersa entre Irã e Coreia do Norte incomoda sobremaneira os falcões da política externa americana. A condução diferenciada dos dois casos revela um esforço momentaneamente concentrado na Coreia do Norte, onde os avanços nas negociações, apesar de cadenciados, dão perspectivas de resolução. A presença norte-americana no Iraque e a ausência de interlocutores com o Irã, a exemplo da China para o caso coreano, apontam

para uma perspectiva temporal bem mais elástica. Para tanto, a Coreia do Norte parece ser a primeira barreira a ser solucionada, cujo sucesso se atribui em grande medida à opção pelas negociações fora do eixo das Nações Unidas, onde hoje se encontra o programa nuclear iraniano.

O reator de Yongbyon ocupa papel destacado na crise. Reativado em 2002, Yongbyon seria capaz de produzir plutônio suficiente para a produção de uma bomba por ano. As estimativas são incertas, mas é ponto passivo que a Coreia do Norte, a despeito de sua deplorável situação interna, conta com um arsenal militar nuclear com potencial ascendente. Além disso, os norte-coreanos desenvolvem capacidade balística de longa distância. Os testes dos últimos dois anos fazem parte de um cálculo para efetivação de seu poderio militar. Testes sobre o Mar do Japão adquirem um tom provocativo na medida em que os negociadores japoneses são os mais resistentes às concessões feitas ao país. Se a Coreia do Norte está, de fato, disposta a negociar seu programa nuclear, sua estratégia foi buscar o ponto ótimo de situação de barganha. Enquanto o Japão instala o sistema anti-balístico Patriot nos arredores de suas principais metrópoles, os representantes dos seis países esperam oportunidade para fechar os últimos detalhes do calendário de desnuclearização da Coreia do Norte.

Se, por um lado, os coreanos têm encaminhado as negociações segundo o humor instável de Kim Jong-Il, por outro, o país dá suas primeiras mostras oficiais de que a situação interna beira ao insustentável. A ajuda humanitária sul-coreana estava suspensa desde a recusa norte-coreana em receber os inspetores da AIEA. Com o avanço da

proposta de acordo, a Cruz Vermelha voltou a atuar no país comunista. Em ensejo de reaproximação, os países separados pelo paralelo 38 esboçam uma agenda positiva de intercâmbio de familiares separados pela guerra. Contudo, essa agenda bem como a ajuda sul-coreana com o envio de fertilizantes e de sacas de arroz está condicionada ao cumprimento de requisitos.

Teme-se que o incidente de Macau seja utilizado como pretexto para o não cumprimento da agenda de desnuclearização. Os passos de recuo dos norte-coreanos invocados insistentemente ao longo de um processo desgastante de negociação apontam para um processo em curso, cujo término foi apenas esboçado. Em um extremo, teríamos um regime manipulando as grandes potências na medição de seu poder de barganha e na aquisição de tempo para avançar em seus planos nucleares; em outro, um país extremamente fragilizado que, ciente de sua insustentabilidade, apenas aguarda o melhor momento para ceder e, gradualmente, abrir suas portas para o mundo. Seja qual for a máscara coreana, o esforço diplomático é considerável e o insucesso das iniciativas via Nações Unidas exigiram uma configuração emergencial alternativa para a distensão do sensível complexo de segurança da Ásia-Pacífico.